

O ESTADO NOVO E O POPULISMO NO GOVERNO DE AGAMENON MAGALHÃES EM PERNAMBUCO (1937 -1945)

Marcos Alesandro Neves dos Santos

Universidade de Pernambuco (UPE)

marcos.alessandro.neves@hotmail.com

O populismo como fenômeno político de origem latino americana teve grande receptividade no Estado de Pernambuco durante a ditadura do Estado Novo, tendo na imagem de Agamenon Sérgio de Godói Magalhães o seu principal representante. Os meios de comunicação da época, como os rádios e os jornais, serviam de suporte ideológico para os feitos políticos do interventor, que os alardeavam diariamente na Rádio Club de Pernambuco e no Jornal Folha da Manhã, subsidiados pelo governo justamente para propagandear os feitos do governo.

A construção ideológica do Estado Novo foi empreendida em Pernambuco constantemente, onde recursos políticos e propagandísticos eram utilizados de forma recorrente, a exemplo da manipulação das massas através dos meios de comunicação que atraía e inebriava as camadas mais populares da sociedade Pernambucana. No Brasil devemos analisar o contexto populista em um período pós revolução de 1930, momento em que as oligarquias perderam parte de seu poder para as classes médias e para os setores burgueses ligados à industrialização:

Foi a expressão do período de crise da oligarquia e do liberalismo, sempre muito afins na história brasileira, e do processo de democratização do Estado que, por sua vez, teve que apoiar-se sempre em algum tipo de autoritarismo, seja o autoritarismo institucional de ditadura Vargas (1937-45), seja o autoritarismo paternalista ou carismático dos líderes de massas da democracia do após guerra(1945-64)¹

A revolução de 1930, movimento idealizado pela classe média e pelas oligarquias mineira, paraibana e gaúcha com o intuito de combater o sistema oligárquico e o predomínio político paulista, deflagrou uma crise no sistema da República Velha. No entanto, por mais irônico que possa parecer tais objetivos (uma oligarquia querer derrubar o sistema oligárquico), deve-se observar algumas dimensões alcançadas pelo movimento:

¹ WEFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978. P 61.

Merece referência, em primeiro lugar, a decadência dos grupos oligárquicos como fator de poder. Eles se viram obrigados a deixar as funções de domínio político, que até 1930 mantiveram de forma ostensiva e quase exclusiva, para substituir nas sombras (embora sempre presentes no novo regime, em nível regional ou municipal em muitas partes do país) até 1945, quando passam a ter representação privilegiada no congresso. Por outro lado, observa-se, a partir de 1930, uma tendência a ampliação institucional das bases sociais do Estado. Sobre esse aspecto, mas afim com o nosso tema, merece referir-se, inicialmente, a participação das classes médias e dos setores burgueses vinculados a industrialização no processo que conduz a crise do regime oligárquico. A participação política das classes populares tem muito a ver com as condições em que se instala o novo regime e com a incapacidade manifestada pelas classes médias e pelos setores industriais em substituir a oligarquia nas funções do estado.²

Pela teoria de Francisco Weffort pode-se compreender que o populismo foi um fenômeno político de característica urbana e que ganhou corpo com os processos de industrialização, urbanização, as migrações e a expansão das comunicações, caracterizando-se como um movimento urbano em contraponto do coronelismo que se estabelece de forma mais clara no meio rural. A identificação das massas com o regime personalista e a sua conseqüente adesão, pode-se justificar na origem rural das recentes classes populares, as quais se justifica o processo de urbanização.

Analisando por esse prisma, tendo como base a recém chegada das classes agrárias às áreas urbanas sem representatividade política e sem uma identidade de classe definida, foram facilmente utilizadas como instrumento de manipulação dentro do projeto populista. Sendo assim podemos analisar o regime personalista relacionado ao processo de urbanização e migração.

Examinado, portanto o surgimento das classes populares na cena política do ponto de vista das transformações que se verificam ao nível das estruturas do Estado, toma-se claro que elas aparecem envolvidas em uma relação de manipulação: elas só servem a legitimação do Estado na medida em que, paradoxalmente, são também “massas de manobra” para grupos que controlam o poder; seus interesses sociais reais de classe só podem encontrar algum grau de expressão na medida em que politicamente ajustados e subordinados aos interesses dominantes.³

Agamenon Sérgio de Godói Magalhães nasceu no dia 5 de novembro de 1894 em Serra Talhada. Após a sua formatura em Direito é nomeado promotor público da comarca de São Lourenço da Mata. Agamenon entrou no Partido Republicano

² Idem, p. 63.

³ Idem, p. 123

Democrata (PRD), sendo eleito deputado estadual em 1933, em julho de 1934 e a convite de Vargas assumiu o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Em 1936, já em janeiro de 1937, é nomeado interino do Ministério da Justiça, acumulando, assim, as duas pastas. Com o advento da ditadura Vargasista, foi designado interventor do Estado de Pernambuco, modelando o que viria a ser a gestão Estadonovista.⁴

Agamenon promovia um sentimento de comoção social justamente pelos meios de comunicação da época, o jornal Folha da Manhã e a Rádio Club, ambas subsidiadas pelo governo para servir de suporte ideológico para ser a voz do governo “*Um governo que não escreve, não fala, não ouve, nem age, é um governo que não se fará entender. É surdo-mudo*”⁵

Um dos instrumentos utilizados para propagar o jornal de modo mais amplo foi o seu preço. O Folha da Manhã era o jornal mais barato em circulação e também de uma fácil linguagem, o que aproximava ainda mais os leitores das notícias fornecidas pelo governo.

Com duas edições diárias, a matutina e vespertina, o governo tinha o intuito de alardear seus feitos para as mais diferentes classes, o primeiro tinha um caráter padrão, informativo, enquanto que o segundo tinha um tom mais leve, para as mentes mais cansadas após um dia de trabalho. Outra observação é quanto às imagens impressas no jornal, enquanto que os outros jornais pouco usavam imagens em seus panfletos tendo em vista seu alto custo, o Folha da Manhã estampava grandes imagens do interventor sempre passando uma imagem positiva de um governante moderno e defensor do seu povo.

O coração do Veranico era a Folha da Manhã. Lendo-a, a nítida impressão edulcorada do que se passava no Estado aparece: suas matérias enfocavam geralmente aspectos felizes e positivos da sociedade, com notícias geralmente boas. Os mais diversos elementos propagandísticos eram empregados para comprovar como, em apenas alguns meses, o Estado Novo já conseguira o feito de reformar por completo a sociedade pernambucana: seu povo, suas instituições. Quando das manifestações públicas, eventos e festas que ocorriam na capital, publicavam-se no jornal matérias fortemente adjetivadas, exagerando, para dizer o mínimo, o encantamento do novo regime.⁶

⁴ NETO, Jose Maria. Propaganda política no populismo brasileiro: o caso pernambucano (1937 – 45). Campinas. 2006 p.1

⁵ Folha da Manhã, Recife 23/II/41, p. 3, grifo nosso.

⁶ NETO, Jose Maria. Propaganda política no populismo brasileiro: o caso pernambucano (1937 – 45). Campinas. 2006 p.5

Após a aquisição do jornal o intuito de comover e inebriar a população não cessou. O rádio, foi habilmente utilizado pelo regime. A Rádio Club teve a sua dívida quitada pelo governo e transformou-se em mais uma célula do aparato ideológico de Agamenon Magalhães.

Se no Folha da Manhã o interventor escrevia diariamente na rádio uma nova forma de contato em massa com a população foi criado; “Conversa com o ouvinte” e tinha o objetivo de fazer com que os leitores tivessem suas cartas respondidas ou o interventor debatia sobre temas de interesse popular.

Agamenon sabia que não bastava, apenas, colocar suas mensagens no rádio: era fundamental que elas fossem divulgadas de forma clara e atraente, para conquistar mais facilmente os corações e as mentes dos pernambucanos. Por isso, tal missão não poderia ficar a cargo de qualquer um, mas apenas dos locutores do Rádio Club. A exigente empresa demandava freqüentes exercícios de respiração (“*para evitar os desagradáveis hiatos na seqüência da locução*”^{xi}), clareza na dicção e precisão tanto na inflexão quanto na entonação da voz, o que fazia desses profissionais elementos chave para a boa imagem do governo. As crônicas do interventor eram lidas por um dos principais artistas da época, Ziul Matos.⁷

Tendo em vista a utilização da Folha da Manha e da Radio Club, ambos subsidiados pelo governo, para alardear os feitos governamentais, podemos afirmar que o populismo em Pernambuco foi propagado pelos meios de comunicação, sendo assim conseguiu atingir um raio de alcance muito maior e também um maior “treinamento” da população para apoiar o regime.

Entre as medidas tomadas pelo governo de Agamenon, destaca-se a sua luta particular, intitulada Liga Social Contra Mocambo, que eram moradias insalubres situadas no centro do Recife, conhecidas como mocambos. No entanto, o intuito de Agamenon, retirando os moradores do mocambo, não era a melhoria de vida daquelas pessoas, e sim afastá-las do perigo do comunismo que muito preocupava as elites naquele momento, bem como promover o “embelezamento” da cidade, sendo assim transportando as moradias insalubres para outros locais mais distantes da capital recifense

A mobilização contra os mocambos do Recife não é novidade do período do Estado Novo. Governos anteriores já tinham manifestado intenções e decretado medidas com o objetivo de extinguir a mocambaria da cidade, substituindo-a por vilas populares. Todavia, a vontade em eliminar a imagem

⁷ NETO, Jose Maria. Propaganda política no populismo brasileiro: o caso pernambucano (1937 – 45). Campinas. 2006.P 6

africanizada da capital, nesse período, se revestiu de um conteúdo e sentido político antes não formulado explicitamente nacionalista, patriótico, coletivista, reeducativo e arrematador. Novais Filho reforça o decreto de 1934 de Carlos de Lima Cavalcanti, proibindo a construção, concertos e reconstrução de mocambos, só permitindo em casos especiais e na zona rural, mesmo assim, longe no mínimo uns 200 metros das linhas férreas, tramways e estradas de rodagem.⁸

Certamente Agamenon iria utilizar seu refinado aparato de comunicação em prol das mudanças que queria implementar. O Folha da Manhã e a Radio Club foram a voz do regime na luta contra Mucambópolis.

Seus extensos artigos no Jornal Folha da Manhã, no período de sua interventoria são petardos com grande poder de destruição. Neles o mocambo era o inimigo solerte e disseminador do mal, que devia ser batido. Não só vencido. Devia ser exterminado. A década de 1930 foi da guerra do Estado contra o diferente. O Getúlio e seus interventores instalaram-se e foram abatendo um a um seus inimigos.⁹

A crise do campo e o conseqüente êxodo rural consolidaram o crescimento da cidade; tais pessoas não encontravam emprego e moradia digna, acabavam habitando terrenos de mangue e alagados em construções primitivas, os temidos mocambos “*O crescimento desordenado das cidades no final do século XIX, trazia consigo a incomoda visão de habitações insalubres e promiscuas, e de uma crescente massa de desocupados*”¹⁰

Por diversas vezes a derrubada desses mocambos se deu por vias violentas. Contando com apoio popular, Agamenon Magalhães incumbiu cada cidadão em sua guerra particular, a denúncia da construção, ou reparo de um mocambo deveria ser imediatamente informada ao governo, mais que uma simples delação, uma questão cívica e pátria para o cidadão recifense.

Os moradores empurrados fora de sua moradia retiravam seus pertences e, na maioria das vezes, saíam à procura de um lugar para morar, impotentes ante a violência do Estado. O palco relatado e provável desta cena, no momento mais pujante da Liga, são os bairros de São José, Boa Vista, Afogados e Santo Amaro, às margens do Capibaribe, nos aterros sobre o manguezal. Na encenação, o poderoso e violento Estado Novo não temporizava e seguia bradando morte aos monstros de palha, taipa, madeira e zinco. Bem ao estilo do Estado autoritário, o exterminador ainda conclamava a população a

⁸ GOMINHO, Zélia. *A Veneza Americana x Mucambópolis: o Recife e o Estado Novo*, dissertação de mestrado. Recife. PPGH/UFPE. 1997. P 94.

⁹ LEITE, Ricardo. Recife Dos Morros e Córregos: *A fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela*. X Encontro Nacional de Historia Oral. Testemunhos: História e política. UFPE 2010. p. 2

¹⁰ GOMINHO, Zélia. Op. Cit., p. 73.

denunciar os mocambeiros e apontar as construções e reconstruções de mocambos que tivesse conhecimento. Mas o estado Novo de Agamenon não tinha só essa cara. Existiu lugar no Recife onde os mocambos proliferavam, a polícia, o poder fazia-se presente e até legislava e Agamenon não dava um pio sobre eles.¹¹

Após a expulsão dos moradores dos mocambos das áreas mais “visitadas” da cidade, a ocupação se deu em áreas mais distantes, locais em que as leis pregadas por Agamenon Magalhães não chegavam, não pela distancia geográfica, e sim por que o problema foi jogado para longe dos olhos da sociedade da época. Sem o aparato ideológico e de manipulação, os empreendimentos do interventor não seriam realizados com tanto apoio popular. Os traços populistas na política de Agamenon Magalhães foram sentidos na sociedade da época, como também nos dias atuais sente-se a sua ressonância, mesmo com todo o aparato, com o fim da Segunda Guerra mundial, o modelo Estadonovista sofre um forte golpe, já não sendo possível dar continuidade ao processo de comoção recifense.

Diante disso, podemos concluir que o populismo em Pernambuco utilizado por Agamenon Magalhães esteve sempre amparado pelo meios de comunicação da época, seja o rádio ou o jornal. A interventoria soube através de uma aproximação das massas, defenderem os direitos da elite, sobretudo os seus próprios interesses que sempre estiverem alinhados com os da elite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- * WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.
- *Folha da Manhã, Recife 23/II/41, p. 3, grifo nosso.
- *NETO, Jose Maria. *Propaganda política no populismo brasileiro: o caso pernambucano (1937 – 45)*. Campinas. 2006.
- *GOMINHO, Zélia. *A Veneza Americana x Mucambópolis: o Recife e o Estado Novo*, dissertação de mestrado. Recife. PPGH/UFPE. 1997.
- *LEITE, Ricardo. *Recife Dos Morros e Córregos: A fragorosa derrota do exterminador de mocambos e sua liga social em Casa Amarela*. X Encontro Nacional de Historia Oral. Testemunhos: História e política. UFPE 2010

¹¹ LEITE, Ricardo. Op. Cit., p.4